



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação

**LENDO “HIBISCO ROXO” NUM CLUBE DE LEITURA DE
AUTORIA FEMININA**

Taiga Bertolani Scaramussa (Mestranda – Ufes/CNPq)¹
Maria Amélia Dalvi (Doutora – Ufes)²

Resumo: Este trabalho relata a experiência de discussão do livro *Hibisco roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie, no bojo do projeto “Leia Mulheres”, realizado na cidade de Vitória (ES), que tem formato de clube de leitura. Objetivamos mostrar a potencialidade dos espaços não formais de educação, pois a narrativa permitiu discutir elementos como colonização branca na África, catolicismo e sectarismo religioso, capitalismo e patriarcalismo.

Palavras-chave: Livro. Literatura. Leia Mulheres.

O clube de leitura “Leia Mulheres” faz parte de um projeto de abrangência nacional (<http://leiamulheres.com.br/>). O intuito geral é fomentar a leitura

¹ É mestranda em Letras e graduanda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Este trabalho é desenvolvido como bolsista de Iniciação Científica com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: taiga.scaramussa@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: maria.dalvi@ufes.br.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

literária de obras escritas por mulheres. De acordo com a página oficial da iniciativa:

Para 2014 a escritora Joanna Walsh propôs o projeto #readwomen2014 (#leiamulheres2014) que consistia basicamente em ler mais escritoras. O mercado editorial ainda é muito restrito e as mulheres não possuem tanta visibilidade, por isso a importância desse projeto.

Decidimos trazer isso para livrarias e espaços culturais, convidar a todos a nos acompanharem nas leituras de obras escritas por mulheres, de clássicas a contemporâneas. (Disponível em: < <http://leiamulheres.com.br/sobre-nos/> >. Acesso em 29 nov. 2011).

No Espírito Santo, o projeto está acontecendo em Vitória (ES), como uma das etapas do projeto de pesquisa de Iniciação Científica que estamos realizando entre agosto de 2016 e julho de 2017, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e conta com o apoio do Teatro SESC Glória, onde as reuniões acontecem quinzenalmente aos sábados. O livro *Hibisco roxo*, da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, foi a primeira leitura realizada e discutida pelo grupo no dia 03/09/2016.

Neste trabalho, nós iremos, inicialmente, apresentar o livro; em seguida, discutir a importância do clube de leitura “Leia mulheres” em Vitória (ES). Por fim, apresentaremos nossas considerações finais em relação à experiência no clube de leitura “Leia mulheres” de Vitória (ES) com a discussão da obra *Hibisco roxo*.

1. Sobre o livro

O livro *Hibisco roxo* é dividido em três partes, narrado em terceira pessoa e começa pelo fim da história (o que só iremos perceber ao finalizar a leitura completa). A história se passa na Nigéria, e tem seu ponto alto em um



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Domingo de Ramos e gira em torno dos costumes e cotidiano de núcleo familiar de Kambili, uma menina de 15 anos. Eugene, o Papa, é capitalista, dono de um importante e influente jornal progressista e de fábricas de alimentos e bebidas, além de ser um fanático religioso e patriarcalista. Beatrice, a Mama, é dona de casa, submissa ao marido e, ao longo da narrativa, irá sofrer diversos tipos de violência doméstica, chegando inclusive, a abortar devido aos constantes espancamentos. Jaja é o irmão mais velho e, de algum modo, um filho contestador e crítico:

As coisas começaram a se deteriorar lá em casa quando meu irmão, Jaja, não recebeu a comunhão, e Papa atirou seu pesado missal em cima dele e quebrou as estatuetas da estante. Havíamos acabado de voltar da igreja (ADICHIE, 2001, p. 9).

Será justamente o fanatismo religioso católico de Papa que fará com que lentamente sua família se destrua. Nesse sentido, a figura do padre, amplamente apoiada por Papa ao longo do romance, nos parece importante para compreender um pouco o sectarismo religioso que as práticas católicas tradicionais inserem na vida comunitária:

O padre Benedict já estava em St. Agnes havia sete anos, porém as pessoas ainda se referiam a ele como “o nosso padre”. Talvez não tivessem feito isso se ele não fosse branco. (...) O padre Benedict mudara as coisas na paróquia, insistindo, por exemplo, que o credo e o kyrie fossem recitados apenas em latim; igbo não era aceitável (ADICHIE, 2001, p.10).

Vê-se claramente dois aspectos: o poder de fala e influência de um padre branco num contexto de hegemonia de um povo negro e o processo de desvalorização da cultura local, seus costumes e língua, extinguindo dos rituais o *igbo* (língua falada na Nigéria). Isso nos apresenta um panorama de como a colonização branca europeia impôs um novo modo de viver e existir no continente africano, em questão, a Nigéria, com práticas violentas e segregacionistas.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Porém, com a personagem tia Ifeoma, irmã de Papa, intelectual e feminista, Kambili e Jaja aos poucos despertam para a realidade que os cerca. Será por intermédio dela, do seu trabalho como professora universitária e, sobretudo, através do modo de funcionamento em sua casa e de sua relação com os filhos, que as violências, abusos de poder e desigualdades saltarão aos olhos. O tempo da narrativa diz respeito ao contexto de ditadura nigeriana, com escancaradas desigualdades sociais e escândalos de corrupção.

2. Sobre a potência do clube de leitura

Um entre variados modos de se ler e se apropriar da leitura com o objetivo de extrapolar o estereótipo da prática solitária é a participação em clubes de leitura; em geral, constituídos por um número limitado de participantes, os clubes de leitura podem potencializar a leitura literária em espaços que estão além daqueles formalmente constituídos, tais como as escolas e universidades.

A diferença começa pela disposição física diferente dos participantes, geralmente sentados em círculo, de modo que não haja figura em destaque e todos consigam olhar uns aos outros. Outro ponto importante é que o clube de leitura pressupõe apenas que os participantes combinarão uma obra a ser lida e um local, dia e horário de encontro; então, juntos, discutirão suas impressões e reflexões derivadas da leitura: ou seja, a participação é voluntária e livre de obrigações que não aquelas acordadas democraticamente pelo grupo (tais como as obras a serem lidas, os encontros etc.).

A bibliografia sobre a importância dos clubes de leitura e seu papel formativo é vasta, como podemos ver, por exemplo, em Cosson (2014); Azevedo e Martins (2011); Eiterer e Abreu (2009); Gamelas et al. (2003), que têm em foco diferentes contextos. No entanto, o que chama a atenção é que todos os



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

estudos mencionados destacam o papel dos clubes de leitura em contextos de formação de leitores a partir dos tempos e espaços escolares ou formais, uma situação bastante diferente daquela que abordamos neste trabalho.

No caso do clube de leitura “Leia mulheres” em Vitória (ES), o que se teve em mira foi um objetivo diferente. O que nos motivou foi vivenciar a prática da leitura literária como parte de um processo social e político. Isso porque havia um objetivo claramente colocado por todos os participantes do grupo, que era conhecer, visibilizar e valorizar obras literárias escritas por mulheres. E haja vista a participação majoritariamente feminina, o grupo se constituiu como um espaço de discussão e formação sobre o ser-mulher e sobre como mulheres, por meio da literatura, pensam a realidade histórica em que estão inseridas – o que, decerto, fomenta laços de solidariedade e pertencimento, e assim convocação à transformação das condições de vida.

Esses aspectos apontam para uma experiência bastante diferente daquela vivenciada na realidade da escolarização formal. Para Tzvetan Todorov (2007),

Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas, tradicionais ou modernas. Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos (p. 27).

Nesse sentido, o formato do clube de leitura nos parece necessário para o rompimento de barreiras demasiadamente engessadas e tradicionais, por vezes, limitantes. É fato que, em se tratando de estudantes de Letras, não há como não se apoiar em discussões teóricas sistematizadas e em autores e críticos canônicos, como ocorre em toda e qualquer profissão: “Nós, especialistas, críticos literários, professores – não somos, na maior parte do



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

tempo, mais do que anões sentados em ombros de gigantes (TODOROV, 2007, p. 27)”. Entretanto, isso pode acarretar prejuízos aos estudantes, como por exemplo, não conseguirem de algum modo ter um posicionamento crítico individual. Mais uma vez Todorov (2007) é categórico: “Por que estudar literatura se ela não é senão a ilustração dos meios necessários à sua análise?” (p. 39). Em outras palavras: por que não ler, primeiramente, a obra literária, inserindo-a em um processo social no qual ela adquire sentidos partilhados (como ocorre no clube de leitura), para, depois, estudarmos e conhecermos textos críticos que foram relevantes para as discussões desejadas? (E não vice-versa: quando as obras são lidas apenas porque “ilustram” dadas concepções teóricas e categorizações críticas.)

No encontro do “Leia Mulheres”, o livro foi discutido por um grupo de cerca de 20 pessoas, majoritariamente mulheres. Essa discussão provocou impressões e descobertas acerca da própria posição existencial e feminista de alguns membros, encorajou relatos e experiências de abuso e violência doméstica (a partir do anteparo ficcional viabilizado a partir de *Hibisco roxo*), bem como proporcionou um paralelo crítico acerca da condição da mulher na Nigéria – retratada no livro – e no Brasil – contexto sócio-histórico na qual estamos inseridas. Portanto, a socialização do relato da experiência no clube de leitura nos mostra a potencialidade de espaços não formais de educação para a formação literária e humana, sendo espaços de resistência frente à constante massificação de cânones masculinos, europeus e patriarcais, tendo como decorrência a invisibilidade da mulher, seja ela escritora ou não.

3. Considerações finais



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Ainda que tenhamos muitas reservas a algumas propostas de Cosson (2014) para o que ele chama de “Letramento Literário”, concordamos quando discute a importância da constituição de comunidades de leitores:

Dentre as muitas e diversas maneiras de constituição explícita ou formal de comunidades de leitores, isto é, de grupos de leitores que se reconhecem como parte de uma comunidade específica, o círculo de leitura é uma prática privilegiada. Primeiro, porque, ao lerem juntos, os participantes do grupo tornam explícito o caráter social da interpretação dos textos e podem se apropriar do repertório e manipular seus elementos com um grau maior de consciência, quer seja para reforçar ou para desafiar conceitos, práticas, tradições (...) Depois, porque a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas (...) Por fim, porque os círculos e leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada (COSSON, 2014, p. 139).

Hibisco roxo é a história de uma família destruída pela violência e também fanatismo religioso. História de supremacia de uma cultura branca e europeia sobre outra, negra e africana. História do povo colonizado, historicamente escravizado, mutilado, violado. História de um hibisco roxo, ou de vários, que com o tempo desabrocham – no caso, de uma família que, carregando as dores do patriarcalismo, da violência e da religiosidade, ainda assim, consegue sobreviver. Exatamente porque os membros dos clubes de leitura encontram-se uns com os outros, partilhando experiências e análises por meio da discussão mobilizada pela ficção, nos parece possível concordar que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2007, p. 76).

Por fim, cabe dizer que a literatura é um recursopotente de/para pensar o mundo, pensar sobre o mundo, sobre a existência no mundo. Para Roger Chartier (1997),

A literatura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. (...) Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor e seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e os lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem (p. 77).

Assim, a experiência de produzir e negociar sentidos a partir do texto ficcional lido por diferentes sujeitos, com diferentes formações e visões de mundo, com diferentes vivências e histórias, é parte desse processo de reinvenção dos textos e dos sujeitos. Somos de um lado premidos pelo texto ficcional e pelos protocolos de leitura que ele carrega; somos constrangidos pelas leituras dos outros (que muitas vezes se contrapõem às nossas); de outro, encontramos nos outros coragem e potência para ultrapassar o já dado, para desenhar novas realidades.

Que saibamos, com nossas práticas, ampliar os horizontes, fazendo dos espaços que constituímos, dos lugares em que nos inserimos, possibilidade de resistência e subversão.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozil. **Hibisco roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 321 p.

AZEVEDO, Fernando; MARTINS, Jorge. Formar leitores no ensino básico: a mais-valia da implementação de um clube de leitura. In: **Da investigação às práticas**. Vol. 1, n. 1, p. 24-35. Disponível em: < <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2817/1/Formar%20leitores%20no%20ensino%20b%20a%20sico.pdf> >. Acesso em 29 nov. 2011.

CHARTIER, Roger; LEBRUN, Jean. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997. 159 p.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014. 189 p.

EITERER, Carmem L.; ABREU, Juliana V. O letramento literário e a educação de jovens e adultos: um balanço do projeto “Clube da Leitura”. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 149-160, jan./abr. 2009.

GAMELAS, Ana Madalena et al. Contributos para o Desenvolvimento de Literacia Clube de Leitura. In: VIANA, L. F.; MARTINS, M.; COQUET, E. **Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Investigação e Prática Docente 4**. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. 96 p.